

OS POLOS DO SISTEMA UAB E SEUS COORDENADORES NAS REGIÕES NORDESTE, NORTE E SUL DO BRASIL

Maria Renata da Cruz Duran¹; Celso José da Costa²; Tatiana Massaro³; Tel Amiel⁴

Grupo 5.1. Democratização, universalização e interiorização da formação e do conhecimento

RESUMO:

No presente estudo foram observados os polos e os coordenadores de polos da Universidade Aberta do Brasil nas regiões Nordeste, Norte e Sul do Brasil, a fim de traçar o perfil do coordenador de polo, figura articuladora nos meios virtual e presencial do sistema que, ao mesmo tempo, se relaciona com instituições, comunidade local e poder público.

Palavras-chave: Universidade Aberta do Brasil; interiorização do conhecimento; polos presenciais; coordenadores de polo.

ABSTRACT:

THE UAB SYSTEM coordinators AND THEIR REGIONS IN NORTHEAST, NORTH AND SOUTH OF BRAZIL

In this study we observed the poles and the poles of the coordinators of the Open University of Brazil in the Northeast, North and South Brazil, we expect profiling coordinator polo, active figure in the virtual classroom system and at the same time, is related institutions, local community and government.

Keywords: Open University in Brazil; internalization of knowledge ; presence pole; pole coordinator.

1. Introdução

O sistema Universidade Aberta do Brasil é um dos carros-chefe da parceria entre municípios, Instituições Públicas de Ensino Superior e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (IPES/CAPES) em prol da formação de professores no Brasil. No final de 2010, 91 Instituições Públicas de Ensino Superior atuavam em 557 polos de apoio presencial, atendendo cerca de 200 mil estudantes em todo o Brasil. Nesse sistema, os cursos são semipresenciais e os polos de apoio presencial constituem um forte elemento estrutural. Em geral, os pólos têm como estrutura básica, computadores e acesso à Internet, biblioteca, sala de coordenação e de escritório, salas para estudo individual e em grupo, para as atividades de tutores presenciais e reuniões presenciais

¹ Professora da Universidade Estadual de Londrina, mrcdur@uel.br.

² Professor da Universidade Federal Fluminense, correiocelso@yahoo.com.br.

³ Pesquisadora do Lante/ UFF, ttmassaro@gmail.com.

⁴ Pesquisador da UNICAMP, tel@amiel.info.br.

entre alunos e funcionários. Esta estrutura é mantida pelos governos locais ou pelo Estado, em cada cidade. No Brasil, entre 2006 e 2010, o número de pólos aumentou conforme demonstrado na figura abaixo:

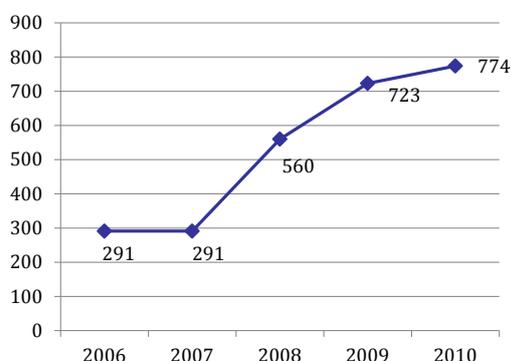


Figura 1. Aumento do número de pólos publicados entre 2006 e 2010

O coordenador do pólo parece ser um dos personagens mais importantes nesta nova proposta de Educação à Distância. O coordenador é responsável pela gestão acadêmica e administrativa do pólo. Ele também organiza as atividades de pessoal, os eventos para alunos e funcionários, mantém contato entre os pólos e universidades, e faz a integração entre o pólo e a comunidade local. Nesta pesquisa procura-se entender qual é o perfil dos coordenadores de pólo do Brasil e as características de seus polos, mais especificamente no Nordeste, Norte e Sul do país.

2. Pesquisa e entrevista com coordenadores de polos de três regiões brasileiras

A fim de estudar o papel, as práticas de funcionamento, os personagens e os processos de avaliação dos polos de apoio presencial do sistema UAB entre 2005 e 2010, delineamos, primeiro, o período a ser estudado, depois as regiões e os meios para se realizar a pesquisa.

O ano de 2005 foi escolhido em razão de ser o ano de fundação do sistema Universidade Aberta do Brasil, via decreto ministerial, e o ano de 2010 foi estabelecido como recorte final por marcar o final da gestão do professor Celso José da Costa na Diretoria de Educação a Distância da CAPES, autarquia ligada ao Ministério da Educação e, desde 2007, responsável por políticas públicas de formação docente no Brasil.

As regiões nordeste e sul foram escolhidas porque ocupavam em 2005 e depois do sudeste, o segundo e o terceiro lugares no quadro de regiões com maior número de polos e de vagas do sistema. Em 2010, essas regiões iriam ocupar o terceiro e o primeiro lugar no número de alunos matriculados; bem como o primeiro e o terceiro lugar no número de polos do sistema. De maneira especial, a região norte figura como aquela em que o desafio da interiorização se torna mais difícil de ser atingido, seja pelas dificuldades de transporte na região, seja pelo maior volume de professores sem formação inicial –

escopo original do sistema. Em conjunto, os dados dessas três regiões nos pareceram capazes de fornecer um diagnóstico do sistema UAB no país. Para mais, dos 557 polos ativos (Costa et Duran, 2012) do sistema UAB em 2010, essas 3 pontas do Brasil abrigavam 64% dos polos do seu quadro geral.

Dos 360 polos das regiões escolhidas, 68 foram destacados para a pesquisa, ou seja 18% do universo regional e 12% do universo total do sistema UAB. Estes pólos foram destacados conforme os seguintes critérios: a) são pólos em funcionamento desde 2008; b) foram avaliados pela SEED; c) estão distribuídos nos seus estados de atuação em diferentes microrregiões (tanto do ponto de vista geográfico, quanto sócio-econômico). O número de polos englobados nesta pesquisa estão, portanto, assim distribuídos:

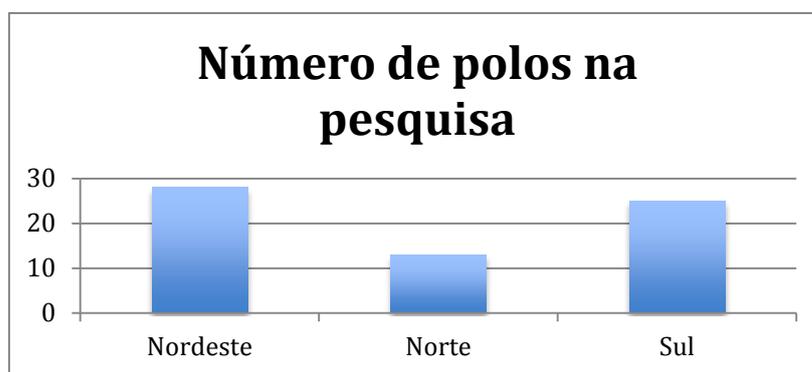


Figura 2. Número de polos na pesquisa.

A maior parte desses polos foi instaurada nos editais I e II, sendo que um deles participou do programa Piloto, de cursos a distância fornecidos por universidades em convênio com o Banco do Brasil, e menos de cinco polos fizeram parte da primeira chamada do edital referente ao Plano de Ações Articuladas/PAR, com ingresso em 2008, ou seja, concomitante ao início de alguns cursos UAB II, como se pode verificar abaixo:

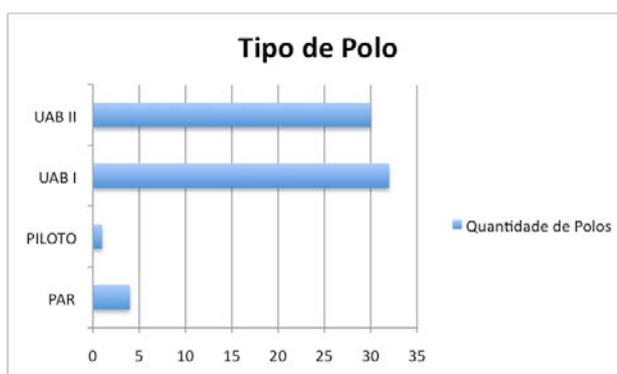


Figura 3. Tipos de polos na pesquisa.

Em média, são atendidas 70 mil pessoas nesses polos, sendo que o maior número

de polos se concentra em cidades com 20 a 30 mil habitantes. No nordeste, dos 29 polos envolvidos na pesquisa, 12 se situam em cidades com IDEB entre 3.1 e 3.5, 11 de 3.5 até 4.0, e 5 até 4.5.

Nos 14 pólos localizados na região norte, o menor IDEB entre os municípios sedes de polos é 3.3, até 3.5 encontramos 7 municípios, entre 3.6 e 4, 5 municípios. Cruzeiro do Sul/AC figura com 4.4 e Rio Branco com 4.

Na região sul localizam-se as cidades mais populosas. Diamantina do Norte/PR e Itambé/PR possuem menos que 10 mil habitantes. Entre 13 mil e 43 mil estão 14 municípios, 5 entre 51 mil e 74 mil. Paranaguá/PR com 140 mil, Chapecó/SC com 183 mil, Criciúma/SC com 192, Colombo/PR com 212 mil, Novo Hamburgo/RS com 238 e Foz do Iguaçu com cerca de 256 mil habitantes. O IDEB mais baixo da região é 3.9 e o mais alto 5.5. Até 5.0 estão 12 municípios. Entre 5.1 e 5.5, estão 15 municípios.

O número total de cursos ofertados é 908, a média de oferta de cursos nesses polos é de 13,3. Destarte, o que podemos notar é que a maior parte dos polos que integra esta pesquisa possui entre 5 e 15 cursos.

Ligeiramente à frente da região sul, o nordeste possui, proporcionalmente, a maior quantidade de cursos por polos, como podemos notar em dados detalhados acerca dessa proporção:

Tabela 1. Números de polos x número de cursos (2010).

Região	Número de Polos	Número de Cursos
Nordeste	27	369
Norte	14	120
Sul	27	419

Ainda assim, é interessante notar que boa parte desses polos oferece cursos de formação continuada para professores e, neste quadro de formação continuada há ainda cursos voltados para o ensino de ferramentas vinculadas à modalidade de ensino a distância, conforme o gráfico abaixo:

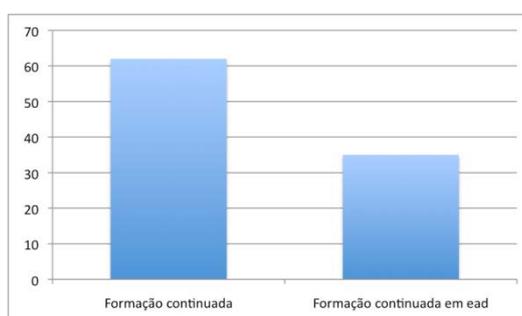


Figura 4. Formação continuada e formação continuada em EaD na UAB (2010).

Em 62 dos 68 polos integrantes da pesquisa é ofertado algum tipo de curso de formação continuada, a maioria no âmbito da parceria entre o sistema UAB e a SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão)/ MEC. Desses polos, apenas 35 oferecem algum tipo de formação continuada voltada para conhecimentos específicos da modalidade de ensino a distância, incluindo aí o curso Mídias na Educação, projetado pelo MEC. O que se pode depreender dessa informação é que a reivindicação por cursos de formação continuada que contemplem questões relativas à ead e, sobretudo, à gestão da ead feita por quase todos os coordenadores de polos envolvidos neste projeto, como veremos à frente, não é infundada.

Apresentados os limites da pesquisa, passemos aos seus procedimentos, estes integrados por 4 atividades: entrevistas, discussão virtual, visitas cruzadas e relatoria.

As entrevistas foram realizadas pelos participantes do Grupo de Pesquisa “Formação docente e tecnologias de informação e comunicação” em cada uma destas regiões. A partir das entrevistas e conhecendo as regiões em que os polos estão inseridos, conforme pesquisas referentes à relatoria, foi possível identificar as trajetórias dos coordenadores de polos, o que os levou a assumir tal coordenação e como veem sua atuação atualmente.

Essas entrevistas só foram possíveis mediante a realização de encontros regionais com os coordenadores de polos indicados pelos coordenadores UAB das IPES atuantes nas 3 regiões escolhidas, conforme os critérios supracitados. Assim, em 2011, foram realizados 3 encontros entre coordenadores de polos UAB dessas regiões: em Belém/PA, Porto Alegre/RS e São Luís/MA. Nesses encontros, as entrevistas, de cerca de 40 minutos cada, foram realizadas.

Para mais, nesses encontros, o escopo da pesquisa era apresentado e os coordenadores de polos convidados a atuarem nela. Além de entrevistas individuais, pautadas pela trajetória dos docentes que se tornaram coordenadores de polos UAB, os processos avaliativos realizados pelo Ministério da Educação eram colocados em debate. Propunha-se a continuidade desse debate via moodle até que um modelo de instrumento de avaliação, gerado na combinação dos instrumentos oficiais disponíveis via internet, e um procedimento padrão de aplicação do instrumento fossem coletivamente acordados.

Passo seguinte, propunha-se a realização de uma visita cruzada, entre duplas estabelecidas eletivamente compostas por coordenadores de polos da mesma região, mas de estados diferentes. Nessas visitas cruzadas seria realizada uma simulação das visitas de avaliação oficiais. Desse procedimento simulatório, em que cada coordenador avaliava e também era avaliado por pares, produziu-se 59 instrumentos de avaliação de polos e 59 relatórios desta atividade.

A tabulação dos dados levantados ainda está em processo, todavia, para melhor sistematizá-los, achamos por bem recorrer à duplas de coordenadores de polos que se destacaram nas atividades mencionadas a fim de estabelecer subsídios de análise dos dados levantados. Foram, pois, indicados dois coordenadores de polos por região para desempenharem a tarefa de levantar dados que caracterizassem a área educacional de sua região, apresentar um panorama das políticas públicas estatais ou federais vigentes no campo da formação docente dos últimos 5 anos, localizar o papel da UAB neste quadro, situar a importância dos polos UAB no sistema em sua região.

Diante dessas informações, passamos a desenhar os sentidos de análise e tabulação possíveis. Esperamos, no semestre que nos aguarda colocar em debate a metodologia da pesquisa no moodle e nas visitas cruzadas, bem como aprofundar a discussão sobre o perfil dos coordenadores aqui tratado. Por fim, nossa expectativa será a de historicizar a pesquisa realizada, bem como estratificar os tipos de polos do sistema UAB e as possibilidades de avaliação mediante suas qualidades específicas, contribuindo, assim, para uma reflexão da avaliação como meio de qualificação do sistema e não apenas como medida punitiva.

3. Perfil do coordenador de polo: diretrizes gerais

Segundo as diretrizes estipuladas na Resolução CD/FNDE Nº 26, de 5 de junho de 2009, o coordenador de polo deve ser professor da Rede Pública, graduado e com, no mínimo, três anos em magistério na educação básica ou superior. No que tange as atribuições do coordenador do polo, encontram-se as atividades de: acompanhar e coordenar as atividades docentes, discentes e administrativas do polo de apoio presencial; garantir às atividades da UAB a prioridade de uso da infraestrutura do polo de apoio presencial; acompanhar as atividades de ensino, presenciais e a distância; zelar pela infra-estrutura do polo; articular, junto às IPES presentes no polo de apoio presencial, a distribuição e o uso das instalações do polo para a realização das atividades dos diversos cursos; organizar, junto com as IES – Instituição de Ensino Superior - presentes no polo, o calendário acadêmico e administrativo que regula as atividades dos alunos naquelas instalações; articular-se com o mantenedor do polo com o objetivo de prover as necessidades materiais, de pessoal e de ampliação do polo; receber e prestar informações aos avaliadores externos do MEC. As entrevistas revelaram que os coordenadores de polo buscam atender a estes critérios e cumprir a proposta. No entanto, muitos estão diante de um novo contexto educacional e também de uma nova atividade de trabalho.

De uma maneira geral, é importante que tenhamos em mente que dos coordenadores dos polos das três regiões estudadas, 50 são mulheres, 18 são homens. A maioria frequentou graduação em pedagogia, cerca de 1/3 frequentou cursos de magistério antes disso e mais de 2/3 fizeram especialização na área de métodos de ensino. Menos de 1/3 tem até 30 anos, 2/3 transitam entre 40 e 50 anos. Mais de 2/3 atuou, antes de ingressar no sistema UAB, em projetos de ensino voltados para a formação inicial e continuada de professores de seus estados e municípios na qualidade de gestores e/ou coordenadores.

No Nordeste do Brasil, os coordenadores apresentavam as características elencadas acima, contando com experiência docente e considerando esta trajetória ligada a educação como fundamental. No entanto, enfatizaram a novidade do contato com a EaD e entendem que a complementação da formação do coordenador como gestor é bem vinda e deveria ser oferecida a este por órgãos oficiais como a CAPES. Reconhecem o impacto da existência dos polos nos municípios e ressaltam que a possibilidade de estudar no próprio município é algo que vem rompendo fronteiras e alterando as perspectivas de formação e de trabalho aos alunos. Entendem que a população do lugar

também é impactada, na medida em que nota essa novidade e participa dela através dos alunos, que tanto podem ser oriundos do ensino médio, como também de docentes já atuantes.

Na região Norte, o quadro se repete. O desafio é um elemento constante no perfil deste coordenador. Os coordenadores de polo, apesar de terem sua trajetória ligada a educação, assumiram suas funções com um certo desconhecimento sobre Educação à Distância, sendo que poucos deles haviam tido algum contato com tecnologias educacionais anteriormente. Consideram a experiência com educação como essencial ao profissional que assume a coordenação de um polo. Para eles, este novo cenário educacional desafiou-os a afinar os conhecimentos com estas novas tecnologias de ensino e a possibilitar à população essa modalidade educacional. Quando das entrevistas, os coordenadores de polo da região Norte explicitaram também a necessária qualidade que os cursos oferecidos devem ter. Destacaram também o impacto da existência destes polos entre a população local.

A região Sul, por sua vez, se destaca no quesito formação profissional. Alguns coordenadores possuem título de mestrado e muitos mais de uma especialização. Os coordenadores tem formação e atuação ligados a educação e também uma experiência recente com EaD, que foi se ampliando à medida em que as gestões foram ocorrendo. Tal como os demais coordenadores das outras regiões, pensam que a formação em gestão universitária voltada para a EaD deveria ser oferecida aos coordenadores pelas IPES atuantes no sistema, levantando como possibilidade para isto, a pós-graduação *stricto sensu*. Os coordenadores de polo do Sul do país entendem também que o perfil do coordenador de polo deve conter uma trajetória educacional de envolvimento com políticas públicas estaduais. Como parte de uma equipe atuante no polo presencial, os coordenadores de polo do Sul entendem o polo como um espaço onde atividades administrativas e pedagógicas se dêem de maneira colaborativa.

Nas três regiões os perfis de coordenadores foram identificados principalmente a partir de entrevistas. No que toca ao perfil dos coordenadores, a maioria, nas três regiões, ao assumir o cargo, reconhece ter pouco conhecimento da Educação à Distância. Havia, no entanto, uma trajetória estritamente ligada à educação e especialmente à gestão educacional. Consoante, os polos foram sendo estruturados na medida em que os coordenadores iniciaram suas gestões. Assim, a história de constituição de saberes sobre EaD, nas maioria dos casos, está ligada à ação estruturante. Pode-se dizer, portanto, que esse conhecimento é experimental. A ligação entre formação em EaD e o funcionamento de polos está, pois, entrelaçada.

4. Perfil do coordenador de polo: especificidades

a) Coordenadores de polos UAB da região norte

Na região norte, a entrevista com os coordenadores de polo estava semi-estruturada com as seguintes questões: A) o que é um polo modelo, do ponto de vista da infraestrutura, para as equipes multidisciplinares dos polos? B) Como devem ser constituídas as funções e desempenhadas as tarefas da equipe multidisciplinar dos polos?

C) qual o papel dos dirigentes municipais, estaduais e federais nos polos? D) E das IES/CAPEs? E) Quais os principais problemas e vantagens de um polo UAB hoje? F) Como os polos UAB renovam a noção de universidade pública no Brasil hoje? G) Quais aspectos estão sendo desconsiderados pelas políticas públicas de formação de professores na constituição e avaliação dos polos UAB?

Do diálogo estabelecido com os 3 primeiros coordenadores de polos entrevistados Sirlene de Paula Cordeiro, do polo de Tailândia; Graciette Pantoja, de Igarapé-Miri; e Martinho do Carmo Barbosa, de Barbarena, se afirmou o tom desta entrevista, sobretudo relacionado à trajetória profissional dos coordenadores de polos, e a redação final das questões, assim configuradas:

1. Qual seu nome e idade?
2. Qual é o polo que está sob a sua coordenação? Desde quando ele existe? Quantos cursos e alunos ele possui? Quais instituições trabalham ali?
3. Como foi seu ensino médio?
4. Você frequentou qual curso de graduação e aonde?
5. Realizou cursos de especialização? Quais e aonde?
6. Realizou cursos de mestrado ou doutorado? Quais e aonde?
7. Qual o início de sua carreira profissional?
- 7.1. Como começou a trabalhar na área de educação?
- 7.2. Você possui experiências com o ensino a distância anteriores à UAB?
- 7.3. Já trabalhou com formação de professores?
8. Quando ingressou no sistema UAB e como foi esse ingresso?
9. Qual é o tamanho e o perfil de sua equipe?
- 9.1. Seus funcionários são concursados ou contratados?
- 9.2. Qual a carga horária de trabalho de cada um? Como essa carga horária é distribuída?
- 9.3. Que funções essas pessoas exercem no seu polo?
- 9.4. Qual é o dia-a-dia do seu polo?
- 9.5. No que seu polo precisaria melhorar e como?
10. Como é a relação de seu polo com a prefeitura?
- 10.1. Existe ligação da UAB/polo com os projetos e programas de formação de professores do município/ estado/governo federal?
11. Como é a relação do seu polo com as IPES ali representadas?
- 11.1. Você participa de reuniões pedagógicas com as IPES?
- 11.2. Você participa da elaboração de material didático?
- 11.3. Qual a sua relação com o coordenador UAB das diferentes IPES?

Nesta primeira etapa, a idéia era, por meio das entrevistas, traçar os itinerários formativos desses professores e, assim, uma identidade comum a esses coordenadores de polos.

Em momento posterior, 10 coordenadores de polos do Pará e do Acre foram reunidos no NEAD da UFPA para a realização de tais entrevistas, bem como seu registro em ambiente moodle⁵, aonde se esperava discutir a maneira como os polos UAB eram representados em instrumentos oficiais de avaliação, bem como a possível existência de

⁵ http://treinamento.lanteuff.org/pesquisa_participativa/login/index.php.

uma identidade ou perfil dos coordenadores de polos UAB da região.

Nessa região encontramos apenas duas coordenadoras de polos que afirmaram ter realizado estudos de graduação na sequência do ensino médio, os demais coordenadores de polos desenvolveram outras atividades que, em média, lhes tomaram 5 anos entre o ensino médio e a graduação. Fora dois casos, a maioria não realizou estudos pedagógicos em magistério.

São muitos os migrantes nessa região. No Pará, aonde se concentram a maior parte dos migrantes, a esperança por “tempos melhores” e um forte sentido de mudança social se faz presente. A coordenadora do pólo de Tailândia, por exemplo, é oriunda de Governador Valadares, em Minas Gerais.

As mudanças também ocorrem no setor profissional. Dois deles trabalharam na zona rural antes de se tornarem professores, já na casa dos 40 anos. Uma delas, a coordenadora do pólo de Sena Madureira, no Acre, trabalhou como empregada doméstica por mais de dez anos.

Faz coro entre os coordenadores do Acre um certo posicionamento político em prol do que costuma chamar de “movimentos sociais”, incluindo aí os famosos passos de Chico Mendes e uma atenção especial ao que chamam de “conhecimentos da floresta”. Preservar a floresta e lutar por mais igualdade é seu lema.

O modo como a região é vista pelos habitantes das outras regiões do país, sobretudo pelo sudeste, é preocupação constante. Para eles, é importante destacar que a região norte, além de belezas naturais, possui todo um desenvolvimento humano capaz de modificar os indicadores que até então lhes são concedidos, tal como explicou a coordenadora do pólo de Rio Branco, no Acre, a única de seu estado a ter realizado estudos de licenciatura na universidade federal local, a UFAC.

A formação desses coordenadores é variada, mas prevalecem os graduados na área de ciências humanas e pedagogia. O coordenador do pólo de Tarauacá, graduado em matemática, egresso dos primeiros cursos INEP sobre o IDEB e conhecedor do mundo da informática, considera, com muita propriedade que professores da área de exatas e com formação no campo da computação são como uma “ave rara no paraíso”.

Boa parte dos coordenadores de polos UAB freqüentou cursos chamados de “intervalares”, executados de maneira intensiva entre uma estação e outra do ano, tanto a fim de respeitar o clima local, quanto as atividades profissionais dos cursistas. Ainda assim, quase todos possuem diploma de especialização, estes concedidos, no Acre, mediante cursos fornecidos pela secretaria de educação do estado ou universidades locais em parceria com universidades da região centro-oeste, sendo a UnB a principal parceira. No Pará, a UFPA se mostra mais presente num longo prazo, bem como a UEPA num médio prazo. Ambas, segundo os coordenadores da região, trabalham em parceria com secretarias municipais e estaduais de educação a fim de prover o estado de cursos de formação continuada.

Em relação ao sistema UAB, no Pará os polos lhes parecem constituir uma realidade de raízes médias, se não profundas. Substituindo os cursos intervalares e tendo sido liderados por IPES, concederam, sobretudo para a coordenadora de Igarapé-Miri, maior qualidade à formação dos professores locais que, antes disso, como e segundo ela, criavam métodos e materiais próprios de ensino sem muito conhecimento do campo.

No Acre, segundo esses coordenadores de pólo, o sistema UAB ainda carece de

algum impulso, seja no que diz respeito à segurança e infraestrutura dos polos, cujo funcionamento fica prejudicado em razão disso; seja no que diz respeito à divulgação das vagas ofertadas e; ainda, no que concerne ao conhecimento da modalidade de ensino a distância. Ainda assim, espera-se que haja ampliação de vagas em cursos referentes à área de exatas, maior carência na região.

b) Coordenadores de polos da região sul

De uma maneira geral, na região sul encontramos mais professoras com mais de 40 anos, que realizaram magistério, cursaram pedagogia e até dois cursos de especialização. Na região sul, ainda, uma certa profissionalização da gestão educacional foi detectada. Mais da metade das coordenadoras, havia apenas 3 homens, ocupou o cargo de Secretária Municipal de Educação por mais de um mandato. 3 das coordenadoras de polos possuem curso de mestrado e têm experiência com a vida acadêmica.

Para mais, cerca de 1/3 dessas coordenadoras também alegou já ter conhecimentos do uso de tecnologias de informação e comunicação na educação e, portanto, facilidade com a modalidade EaD. A coordenadora do pólo de Pato Branco, no Paraná, por exemplo, trabalhou na TV Paulo Freire, iniciativa local e paralela à TV Escola.

Não obstante, foi muito mais comum ouvir, nessa região, que os estudos de graduação desses coordenadores foi realizado em instituições públicas de ensino superior – o que pode se explicar pela maior concentração delas na região. Neste sentido, o trânsito com as IPES também parece ocorrer de maneira mais profícua, haja vista que são muitos os projetos paralelos, a maioria em caráter de extensão universitária e/ou voltados para a formação delas próprias e dos integrantes das equipes multidisciplinares dos polos, que essas coordenadoras dirigem em conjunto com as IPES nos seus polos.

Vale ressaltar que nessa região as cidades nos pareceram menores em número de habitantes e que sua proximidade com grandes centros gerou um tipo de perspectiva diferente do que vimos na região norte em relação aos polos. No norte, o deslocamento leva muito tempo e é muito difícil de ser realizado. Há rios que transbordam, estradas esburacadas, faltam linhas aéreas diretas. No sul, há muitas rodovias e também muitos carros. O trânsito toma muito tempo das pessoas que frequentam universidades e a sensação de estudar em aglomerados universitários não lhes confere certezas acerca da qualidade. Assim, serem atendidos em locais cujos endereços saem da rota do trânsito, bem como aonde certa particularidade lhes é assegurada parece concorrer para uma melhor aceitação da modalidade EaD. É um pouco para fugir do trânsito e para receber atendimento diferenciado que os sulistas procuram polos UAB próximos a grandes centros como Colombo no Paraná ou Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul.

Ainda assim, como defendeu Denise Braatz, muitos dos polos mais longínquos, estabelecidos na fronteira do país, atendem à uma demanda que não pode, porque tem família, e nem quer, porque gosta do local aonde vive, se distanciar de sua cidade de origem. Segundo Sandra Máxima, o que um sistema como o da UAB reconhece é que nem só há vida inteligente no interior, como é bom que ela se desenvolva e mantenha ali a centelha do conhecimento.

c) Coordenadores de polos UAB da região nordeste

Os estados do nordeste apresentam variações muito acentuadas no que diz respeito à formação dos professores que ocupam os cargos de coordenadores de polos. No Maranhão, amplo programa de formação de professores foi desenvolvido nos anos 2000. Esse programa, conhecido como PQD, contou com sedes regionais que articularam os municípios em cursos semi-presenciais fornecidos com apoio da UFMA e da UEMA. Parte dos coordenadores de polos da região também atuaram como gerentes desse projeto e atestam, portanto, amplo conhecimento na área de gestão de projetos educacionais de grande vulto, dado que o volume de discentes-docentes de cada sede atingia a margem de 2.000 alunos.

Neste estado encontramos muitos coordenadores de polos com formação em magistérios ofertados por instituições religiosas, sobretudo vinculadas à Igreja Católica e à Igreja Batista. Não obstante, metade desses coordenadores de polos cursou sua graduação em cidades distintas da sua cidade natal. Com mobilidade interestadual, alguns chegaram a estudar em Pernambuco, como a coordenadora de Porto Franco/MA e em Brasília, como a coordenadora de Carolina/MA. Neste mesmo rumo, muitos deles complementaram sua formação em programas de outros estados, além do próprio, em modalidades flexíveis, contando com a semi-presencialidade como elemento chave para a continuidade de seus estudos.

Do Piauí, ouvimos muitas histórias sobre a formação realizada em Teresina, Fortaleza, Pernambuco e Salvador. Neste estado, bem como no Maranhão, o transporte e as condições educacionais nos pareceram mais difíceis que o comum haja vista uma pouca valorização da educação e a existência de um grande número de municípios distantes da capital. Em contrapartida, uma vez formados, poucos foram aqueles que se lamentaram pela falta de trabalho. Pelo contrário, segundo eles, como são poucos os professores formados e grande a demanda, o trabalho do professor e do gestor escolar é grande e chega a tomar mais do que 10 horas de trabalho diárias. A atividade escolar, ainda, representa elemento de distinção social, se não de mudança nessa condição. Saídos da zona rural, os coordenadores de polo no Piauí demonstram reconhecer, na educação, uma mola propulsora para o câmbio de seus limites econômicos, sociais e culturais.

Aliás, a expressão cultural na região é extremamente valorizada e guarda na escola um de seus principais espaços de refúgio e divulgação. Para eles, o papel da escola e, por conseguinte, da UAB é o de fortalecer o reconhecimento da cultura local e, consoante, de incrementar a economia e a sociedade local. Destarte, muitos foram aqueles que destacaram sua atuação em projetos culturais como elemento essencial para seu bom desempenho como coordenadores de polos UAB.

A consequência mais direta disso é a mirada que eles apresentam sobre os polos. Para esses coordenadores, os polos UAB constituem pontos de encontro de seus municípios, aonde a cultura regional é disseminada, se não utilizada em prol da ampliação dos horizontes locais. A parceria com Secretarias de Cultura e Esporte é aí recorrente.

Outra distinção é a de que os polos UAB do Piauí contam com acompanhamento direto da UFPI e são mantidos pelo estado. No discurso desses coordenadores, portanto, as condições de funcionamento e práticas de gestão ocorrem de maneira mais uniforme,

o que significa uma dinâmica facilitadora do processo. Ainda assim, nos pareceu haver maior segurança no respaldo do mantenedor, uma vez que as decisões são tomadas em conjunto e divulgadas de maneira equânime.

No Rio Grande do Norte, como as condições econômicas são mais elevadas do que nos outros estados do nordeste, o território é menor e a quantidade de IPES distribuídas pelo estado maior, o conforto quanto à implementação dos polos da UAB foi descrito de maneira mais harmoniosa. Ali, quase todos os 10 professores entrevistados têm formação pela UFRN, IFRN ou UERN e maior diversidade quanto aos cursos escolhidos. Há muitos pedagogos, mas também há cientistas sociais, filósofos, historiadores, geógrafos, matemáticos, físicos, etc., a maioria com especializações em suas disciplinas e na área de gestão, chegando a existir, entre esses 10 coordenadores uma professora da UFRN.

Nas entrevistas desses coordenadores de polos, contudo, permanece uníssona a reivindicação por cursos no interior do estado capazes de manter algum equilíbrio na distribuição populacional pelo seu território, o que, segundo eles, também mantém seu equilíbrio sócio-econômico.

5. Considerações finais

Estudar os polos do sistema UAB é uma idéia que surgiu em 2010, na Conferência Internacional sobre o Impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação na formação docente ocorrido em Brasília, em abril de 2010 e promovido pela Secretaria de Educação a Distância em parceria com a UNESCO (DURAN et SILVA, 2010). Neste evento, Maria Inês Bastos, consultora UNESCO, destacou a urgência por construir históricos das políticas públicas de formação docente na América Latina. Para ela, sem essa visão de todo, a América Latina permaneceria sem a capacidade de gerar soluções inovadoras neste campo.

Partindo da linha de frente da UAB (CASTELL, 2010): os polos UAB, e sem muitas referências acadêmicas, dada a escassez de trabalhos na área, nossa estratégia de estudos foi etnográfica (BUENO, 2007) e participativa (FREIRE, 2008). Esperávamos suscitar uma auto-crítica junto aos coordenadores de polos, bem como uma reflexão sobre o sistema.

Se esta pesquisa emerge desta lacuna acadêmica e conta com a escassez de estudos paralelos como sua principal fragilidade, levantados alguns dados e estabelecidos alguns procedimentos, apresentamos aqui uma resposta ainda incipiente às questões inicialmente colocadas, é certo. Todavia, já com esses dados sistematizados e submetidos aos pares mediante eventos como esse, esperamos desenvolver nossas análises chegando a bom termo.

O que apresentamos até o momento, foi um recorrido sobre os polos UAB de 3 diferentes regiões. Assim, foi possível conhecer de perto, entre os anos de 2005 e 2010, cerca de 7% do sistema de polos UAB, buscando definir como são os polos presenciais UAB e quem são os personagens principais destes. Vimos que academicamente os coordenadores da região sul estão mais preparados que no norte e no nordeste. Mas também vimos que os coordenadores do nordeste possuem maior desenvoltura junto a

projetos de grande porte e os coordenadores do norte maior comprometimento com o sistema UAB como causa social.

Se a ênfase no norte é a formação social, a conscientização em prol de um movimento político independente e a valorização dos saberes da floresta; no nordeste, o envolvimento político-partidário, a desigualdade sócio-econômica e a cultura local são os temas centrais. No sul, problemas com a urbanização, a manutenção de qualidade de vida em cidades distantes da capital, e a equiparação da qualidade dos cursos EaD aos cursos presenciais estão em foco.

Dos perfis formativos e dos interesses manifestados por esses coordenadores de polos acreditamos que seja possível depreender quais os modelos de gestão dos polos UAB em conformidade com interesses regionais, se não especificidades dos próprios polos.

Acerca dessas especificidades, vejamos alguns dos avanços obtidos nessa pesquisa. Observou-se que, em média, são atendidas 70 mil pessoas por estes polos presenciais, sendo que o maior número de polos se concentra em cidades com 20 a 30 mil habitantes, ou seja, cidades consideradas de pequeno porte. Quanto às distâncias entre essas cidades e as capitais de seus estados, encontraremos um quadro heterogêneo: 1/3 se situa a cerca de 100 quilômetros da capital, 1/3 a 300 km, 1/3 a 500 km.

Até o momento, podemos aferir que maior parte dos polos integrante desta pesquisa possui entre 5 e 10 cursos; em segundo lugar, há um grande número de polos com 11 a 15 cursos; e outro grupo considerável com 16 a 20. Ligeiramente à frente da região Sul, o Nordeste possui, proporcionalmente, a maior quantidade de cursos por polos. O número total de cursos ofertados é 908. A presença das universidades federais é mais forte que a das estaduais, ficando os institutos tecnológicos em última posição. Isto porque dos 908 cursos ofertados, 62% o são por universidades federais, 27% por estaduais e 10,5% por institutos tecnológicos.

A média de oferta de cursos nesses polos é de 13,3. No que diz respeito à formação continuada, é interessante notar que boa parte desses polos oferece cursos de formação continuada para professores (62 dos 68) e, neste quadro de formação continuada há ainda cursos voltados para o ensino de ferramentas vinculadas à modalidade de ensino a distância (35).

Como vimos, se é possível tipificar os polos pela localização, demanda atendida, perfil de cursos existentes e perfil dos coordenadores de polos envolvidos, será também possível, num futuro breve, adequar as diretrizes de avaliações de polos a essas características. Processo com o qual esperamos contribuir na continuidade desta pesquisa.

Vale lembrar que o polo, em seu projeto original, é entendido como o espaço mais recente deste sistema de ensino superior do país. Conforme orientações do ministro Fernando Haddad, ele deverá constituir “a casa do professor”, e pode ser encarado como um protótipo do futuro da arquitetura escolar, tanto quando se trata de endereços interiorizados, representando um campus avançado de ciência e tecnologia, quanto quando se trata de grandes cidades, em que a falta de espaço parece impossibilitar a concretização da proposta de uma escola em tempo integral.

Atualmente, os polos presenciais revelam uma ligação entre o real e o virtual. Na proposta da EaD, que insere o elemento virtual na educação, o polo explicita seu caráter presencial, revela desafios reais, torna visíveis as fragilidades e potencialidades do sistema. Nesses polos, pode-se identificar a presença de diversos tipos de professores e perfis de gestão. Todavia, ainda nos parece muito difícil classificar esses professores conforme tipos ideais. Therese Hamel, da Université Laval, apresentou no 54th Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Viena, durante julho de 2012, um estudo sobre os tipos de professores presentes na Faculdade de Educação de sua universidade. Nesse estudo, a pesquisadora procurou menos estabelecer tipos ideais e mais descrever as pessoas com as quais manteve contato. No presente texto nós também seguimos este rumo, acreditando ser ele um primeiro passo para o incremento de um esquema mais geral em que o perfil do coordenador de pólo possa se cruzar com seu tipo de gestão e, ainda, com o modelo de pólo que dirige. Isolar essas variáveis nos parece importante paradoxalmente para poder realinhá-las e obter, nos cruzamentos possíveis, parâmetros de avaliação desses polos mais justos, senão adequados à especificidade de cada um desses novos territórios educacionais que, conforme atentou a pesquisadora Maria Inês Bastos, bem poderiam ser conhecidos como “faróis do conhecimento”.

6. Referências

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo, Editora UNESP, 2005.

AZANHA, J.M.P. **Uma idéia da pesquisa educacional**. São Paulo: Edusp, 1992.

BRASIL. Decreto n. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 fev. 1998.

BRASIL. Decreto n. 2.561, de 27 de abril de 1998. Altera a redação dos arts. 11 e 12 do Decreto n. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, que regulamenta o disposto no art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 abr. 1998.

BRASIL. Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2005.

BRASIL. Decreto n. 6.303, de 12 de dezembro de 2007. Altera dispositivos dos Decretos n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e n. 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 dez. 2007

BUENO, Belmira Oliveira. Entre a Antropologia e a História: uma perspectiva para a etnografia educacional. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 25, n. 2, 471-501, jul./dez. 2007
<http://www.perspectiva.ufsc.br>.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 2010.



DURAN, M.R.C.. SILVA, C.R., **Conferência Internacional “Impacto das TIC’s na Educação”**. Documento Técnico de Relatoria da Conferência realizada entre 27 e 29 de abril de 2010. 150p.

FORQUIM, J.C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Construção participativa de instrumento de política pública para gestão e acesso à informação. **Perspect. ciênc. inf. vol.13 no.3 Belo Horizonte Sept./Dec. 2008**.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, número 1, jan/jul 2001 (pp. 9-43).

PEREIRA, Eva W. MORAES, Raquel de Almeida. História da educação a distância e os desafios da formação no Brasil. In: **Educação superior a distância**. Brasília: UNB, 2009.

Site da UAB. Disponível em <<http://uab.capes.gov.br>> . Acesso em 23 agosto. 2009.